

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum

Concertos Comentados

Domingo, 11h00

Pequeno Auditório

M/6

4 fev
2024

As Quatro Estações
de Vivaldi
Ludovice Ensemble

CCB

As Quatro Estações de Vivaldi e outros concertos «para a orquestra de Dresden»

Antonio Vivaldi (1678–1741)

Concerto per l'orchestra di Dresda [para a orquestra de Dresden]
para violino, 2 flautas, 2 oboés e fagote, cordas e contínuo RV 577 em Sol Menor
[Allegro] – Largo non molto – Allegro

Concerto L'Primavera [A Primavera] de *Il Cimento dell' Armonia e dell' Invention* op.8 n.º 1 para violino, [2 flautas, 2 oboés, fagote], cordas e contínuo RV 269 em Mi Maior
Allegro – Largo – Allegro

Concerto L'Estate [O Verão] de *Il Cimento dell' Armonia e dell' Invention* op.8 n.º 2 para violino, [2 flautas, 2 oboés, fagote], cordas e contínuo RV 315 em Sol Menor
Allegro non molto/Allegro – Adagio/Presto – Adagio

Concerto Il Proteo è il mondo al roverscio [Proteu, ou o mundo do avesso] para violino, violoncelo, 2 flautas, 2 oboés, cravo, cordas e contínuo RV 572 em Fá Maior
Allegro – Largo – Allegro

Concerto L'Autunno [O Outono] de *Il Cimento dell' Armonia e dell' Invention* op.8 n.º 3 para violino, [2 trompas, 2 oboés, 2 flautas de bisel, fagote], cordas e contínuo RV 293 em Fá Maior
Allegro – Adagio molto – Allegro

Concerto L'Inverno [O Inverno] de *Il Cimento dell' Armonia e dell' Invention* op.8 n.º 4 para violino, [2 oboés, 2 flautas de bisel, fagote], cordas e contínuo RV 297 em Fá Menor
Allegro non molto – Largo – Allegro

Concerto [versão de Dresden] para violino, 2 trompas, [2 flautas], 2 oboés, fagote, violoncelo, cordas e contínuo RV 568 em Fá Maior
Allegro assai – Grave – Allegro assai

Ludovice Ensemble

Violino solo **Alfia Bakieva**

Cravo e Direção Musical **Fernando Miguel Jalôto**

Violino I **César Nogueira**

Violino II **Mário Braña**

Viola **Miriam Macaia Martins**

Violoncelo **Diana Vinagre**

Contrabaixo **Duncan Fox**

Traverso I & Flauta II **Joana Amorim**

Traverso II **Marta Gonçalves**

Oboé I & Flauta I **Pedro Lopes e Castro**

Oboé II **Andreia Carvalho**

Fagote **Nathaniel Harrison**

Trompa I **Paulo Guerreiro**

Trompa II **Telmo Rocha**

Concerto comentado por **Fernando Miguel Jalôto**

Johann Georg Pisendel (1688–1755) foi um dos mais extraordinários músicos alemães do século XVIII. Violinista dotado de um virtuosismo surpreendente, e compositor de reconhecido mérito, Pisendel destacou-se sobretudo como primeiro-violino da orquestra da corte de Dresden, então a capital do Eleitorado da Saxónia e residência dos reis da Polónia Augusto II, «o Forte», e Augusto III. Pisendel contactou com os maiores músicos alemães do seu tempo, como Johann Sebastian Bach, que terá presumivelmente composto para ele as suas sonatas e partitas para violino solo, e Georg Philip Telemann, que lhe dedicou um dos seus concertos para violino; mas também Christoph Graupner, e Johann David Heinichen, entre muitos outros.

Foi na sua extensa viagem pela Europa, que se estendeu de 1714 até 1716, e após passar por Berlim e Paris, que Pisendel conheceu em Veneza outro grande virtuoso do violino, Antonio Vivaldi, com quem estudou alguns meses. A amizade entre os dois violinistas perdurou nos anos seguintes e, não só Vivaldi enviou muitas partituras das suas obras (sobretudo concertos) para Dresden, onde foram dirigidas e executadas por Pisendel, como lhe dedicou expressamente o sétimo concerto do seu op. 8, uma colecção de doze concertos para violino intitulada *Il Cimento dell' Armonia e dell' Inventione*, e publicada em Amesterdão. Os quatro primeiros concertos desta recolha são, nem mais nem menos que as famosas *Quatro Estações*.

Estas obras, apesar de serem puramente instrumentais, procuram através da música recriar os sons da natureza e, sobretudo, evocar as sensações e impressões associadas às estações do ano, baseando-se nas descrições poéticas incluídas em quatro sonetos, escritos — provavelmente — também eles por Vivaldi. Apesar da colecção só ter sido publicada em 1725 os concertos foram provavelmente compostos em 1716/17, coincidindo assim com a visita de Pisendel a Veneza. Este seguramente que os tocou várias vezes, juntamente com os outros concertos de Vivaldi compostos expressamente para Dresden. Mas as obras escritas especificamente «per l'orchestra di Dresda» (como escreveu Vivaldi num dos manuscritos) possuem, na sua maioria, características muito particulares: uma destacada e virtuosa parte para violino solo, mas sobretudo uma rica e colorida escrita orquestral.

De facto, as partes de orquestra, em vez de serem compostas unicamente por cordas, como era comum em Veneza e em quase toda a Itália do início de Setecentos, e em todas as obras publicadas por Vivaldi (que se destinavam sobretudo ao público amador), incluem solos para muitos outros instrumentos: flautas — de bisel ou transversais —, oboés, fagote, violoncelo, e trompas, na sua maioria. Mas, ocasionalmente, também para instrumentos raramente usados a solo no contexto orquestral da época, como o cravo e a teorba, e mesmo outros muito mais raros, ou mesmo exóticos, como os *chalumeaux* e os clarinetes! Isto porque a orquestra de Dresden era a mais reputada na época em toda a Europa, e entre os seus músicos contavam-se grandes virtuosos em todos estes instrumentos. Pisendel gostava de fazer brilhar nos concertos (ou «Academias» como então se lhes chamavam) apresentados diante da corte, de forma a impressionar os seus muitos e ilustres convidados.

A atitude de Pisendel perante as composições que Vivaldi lhe enviava era típica do período barroco, em que a partitura era vista apenas como um ponto de partida para a criação da obra musical, e não como algo absoluto e inalterável. Assim, com frequência o violinista alterou ou reescreveu os solos para violino, acrescentou ou suprimiu outros, trocou andamentos de umas obras para as outras, ou reviu a instrumentação, adicionando, subtraindo ou substituindo instrumentos, de acordo com condicionalismos práticos do momento, ou de forma a reforçar determinados efeitos sonoros ou ideais estéticos. É neste contexto em que se destaca uma descrição anónima de uma das «academias» em que, a par com uma referência à música de Vivaldi em que se descrevia de forma surpreendente os sons e imagens da natureza — subentendendo-se que, quase de certeza, se refere às *Quatro Estações*, se menciona a utilização de flautas, oboés, trompas e outros instrumentos. De facto, é muito provável que Pisendel, quando interpretou estes concertos em Dresden, e à semelhança do que fez com vários outros, não se tenha coibido de acrescentar partes instrumentais que reforçavam as cores e efeitos, dramáticos e descritivos, já presentes nas obras.

Assim, supõem-se que em *A Primavera* tenha acrescentado flautas evocativas do chilrear dos passarinhos — como no concerto

para flauta *Il Gardellino* (O Pintassilgo) do próprio Vivaldi, bem como em tantas obras dos séculos XVII e XVIII em que flautas de bisel e traversos são chamados a reproduzir o canto das aves. Em *O Verão* terão sido os sopros a invocar os ventos furiosos da tempestade, mais uma vez à semelhança de tantas cenas de tormenta, sobretudo nas óperas setecentistas. Em *O Outono* Vivaldi deixou já parte do trabalho de orquestração «adiantado», ao incluir no terceiro andamento várias figuras musicais copiadas das «chamadas» ou toques usados pelas trompas durante as caçadas. O concerto foi escrito, apropriadamente, na tonalidade de Fá maior, em que as trompas de caça eram tradicionalmente construídas. Para *O Inverno* talvez Pisendel tenha deixado apenas as cordas, na sua «nudez» austera, evocativa da natureza fria, deserta e despida, ou talvez tenha acrescentado um solitário e sombrio fagote, cujo nome em italiano («*fagotto*») deriva exactamente dos fachos de lenha amarrada, destinados a serem queimados nas longas noites de Inverno...

Mais certo ainda é que o próprio Vivaldi, ao longo da sua vida, tenha recorrido a vários dos andamentos das *Quatro Estações* para os reelaborar e transformar em nova música: o andamento inicial de *A Primavera* deu origem ao final da sinfonia introdutória e ao coro inicial — saudando, apropriadamente, o chegar da Primavera — na ópera *Dorilla in Tempe*; e o primeiro andamento de *O Inverno* foi metamorfoseado na ária *Gelido in ogni vena*, usada em nada menos do que em três óperas distintas. Em França Nicolas Chédeville — que havia já publicado várias obras suas como sendo da autoria do compositor veneziano (as sonatas de *Il pastor fido*) — arranjou os quatro concertos, publicados com o sugestivo título *Le printemps* ou *les saisons amusantes*, para a algo inusitada, mas muito galante combinação de *musette* (uma espécie de gaita de foles), sanfona, violino, flauta e baixo contínuo. Mais tarde foi a vez de Michel Corrette adaptar o texto do salmo 148 *Laudate Dominum de coelis* para criar o seu *Motet à Grand Chœur arrangé dans le Concerto de Printemps* de Vivaldi, uma vasta obra para solistas, coro a cinco partes e orquestra, e que inclui vários e idiomáticos solos para violinos, flautas, fagotes, oboés e trompas. Jean-Jacques Rousseau, célebre filósofo e músico amador, arranjará o mesmo concerto para flauta solo. Todas estas adaptações e arranjos provam a fecundidade dessa inesgotável fonte de invenção, que é a

versão primordial destas obras-primas intemporais, que permitiram, desde a sua composição até aos dias de hoje, tantas e tão variadas leituras e interpretações. Estas adaptações e revisões, sem nunca substituírem a beleza e a magia dos originais, auxiliaram o público, através dos tempos, em diferentes lugares, e no contexto de diversas culturas, a apropriar-se e a disfrutar da sublimidade da natureza, transfigurada em sons pelo génio de Antonio Vivaldi.

Fernando Miguel Jalôto

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)



Alfia Bakieva

Alfia Bakieva é natural de Novosibirsk, na Rússia, e vive atualmente em Salzburgo, na Áustria. Alfia toca, para além do violino, instrumentos tradicionais como o *kylkobiz* e o *ghizzhak*, sendo um dos membros fundadores do grupo Ekiyat, que revive o património musical do povo tártaro. Estudou violino com E. Baskina em Novosibirsk, e violino barroco com Enrico Onofri e Hiro Kurosaki. Alfia recebeu numerosas bolsas de estudo, nomeadamente as atribuídas por Roman Abramovich, e pela família Shostakovich, no VII Prémio Internacional de Interpretação dos quartetos de Dmitri Shostakovich. Em 2017 foi uma das finalistas no Concurso Internacional de Música Antiga de Bruges (Bélgica) e em 2018 recebeu todos os três prémios de música de câmara do Concurso Internacional Händel de Göttingen, na Alemanha. Entre 2004 e 2008 foi Primeiro-violino assistente e Violino solista na Orquestra Musica Aeterna

da Academia Estatal do Teatro de Ópera e Ballet «Teodor Currentzis» em Novosibirsk. Para além da sua atividade na música antiga e música tradicional, Alfia é apaixonada pelo tango, e colabora com a orquestra de tango argentino Rascasuelos, dirigida pelo compositor e bandoneonista Patricio Bonfiglio. Apresentaram-se no Rock Festival Roskilde de Copenhaga em 2018, num programa que incluía Dua Lipa, Massive Attack e Gorillaz, entre outros.

Apresenta-se frequentemente como solista ou Primeiro-violino com vários grupos e orquestras de música antiga de renome internacional, tais como Il Pomo d'Oro, Zefiro, Ensemble Hemiolia, Il Concerto Scirocco, Balthasar Neumann Orchestra, Ensemble BachWerkVocal Salzburg e Ensemble Imaginarium.

Esta é a sua primeira colaboração com o Ludovice Ensemble. Alfia toca um precioso violino feito por Francesco Rugeri em 1680, cedido pela Jumpstart Jr. Foundation.

Fernando Miguel Jalôto

Fernando Miguel Jalôto completou os diplomas de Bachelor of Music e de Master of Music em Cravo no Departamento de Música Antiga e Práticas Históricas de Interpretação do Conservatório Real da Haia (Países Baixos), na classe de Jacques Ogg. Frequentou *masterclasses* com Gustav Leonhardt, Olivier Baumont e Ilton Wjuniski, entre outros. Estudou também órgão barroco e clavicórdio, e foi bolseiro do Centro

Nacional de Cultura. É Mestre em Música pela Universidade de Aveiro e presentemente é doutorando em Ciências Musicais na Universidade Nova de Lisboa, como Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. É fundador e diretor artístico do Ludovice Ensemble. Colabora com grupos especializados internacionais tais como Vox Luminis, Oltremontano, La Galanía, Capilla Flamenca, Collegium Musicum Madrid, Allettamento, entre outros, e em Portugal é membro do Ensemble Bonne Corde e da Real Câmara Baroque Orchestra.

Apresentou-se em vários festivais e inúmeros concertos por toda a Europa, Israel, China e Japão. Gravou para a Ramée/Outhere, Brilliant Classics, Dynamic, Harmonia Mundi, Glossa Music, Parati, Anima & Corpo, e Conditura Records, bem como para as rádios portuguesa, espanhola, alemã e checa, e para os canais televisivos Mezzo, Arte e RTP. Apresentou recitais a solo no prestigiante Festival Oude Muziek de Utrecht (Países Baixos) e a convite do Património Nacional (Espanha). Dirigiu grandes obras do repertório barroco, como as vésperas de Monteverdi, missas e cantatas de Bach, oratórias de A. Scarlatti, óperas de Lully, Rameau, Charpentier e Bourgeois, em salas como o Centro Cultural de Belém e a Fundação Gulbenkian, e os festivais especializados de Utrecht e Bruges. É o diretor artístico e pedagógico da Academia Ludovice, e o diretor musical do curso bienal

de ópera barroca do centro musical Benslow, em Hitchin (Reino Unido). Dirige também o projeto Lisboa 1740, na Catalunha.

Interessa-se particularmente por projetos transversais envolvendo dança, declamação e encenação históricas.

© DR



Ludovice Ensemble

O Ludovice Ensemble é um grupo especializado na interpretação de Música Antiga, sediado em Lisboa, e criado em 2004 por Fernando Miguel Jalôto e Joana Amorim, com o objetivo de divulgar o repertório de câmara vocal e instrumental dos séculos XVII e XVIII através de interpretações historicamente informadas e usando instrumentos antigos. O nome do grupo homenageia o arquiteto e ourives alemão Johann Friedrich Ludwig (1673-1752) conhecido em Portugal como Ludovice.

O grupo trabalha regularmente com os melhores intérpretes portugueses especializados, e também com prestigiados artistas estrangeiros. O Ludovice Ensemble apresentou-se em Portugal nos principais festivais

nacionais e é uma presença regular nas duas principais salas de Lisboa: o CCB e a Fundação Calouste Gulbenkian. Apresentou-se no estrangeiro nos mais prestigiantes festivais de música antiga, na Bélgica (Bruges, Antuérpia); Países Baixos (Utrecht); França (La Chaise-Dieu, Bordéus); República Checa (Praga); Israel (Telavive, Jerusalém); Irlanda (Dublin); Estónia (Tallinn); e Espanha (Aranjuez, El Escorial, Vitoria-Gasteiz, Lugo, Badajoz, Jaca, Daroca, Peñíscola, e Pirenéus catalães). Gravou ao vivo para a RDP-Antena 2, para a Rádio Nacional Checa (ČRo) e para a Rádio Nacional da Estónia, bem como para o canal de televisão francês Mezzo.

O seu primeiro CD, para a editora Franco-Belga Ramée/Outhere, foi nomeado em 2013 para os prestigiados prémios ICMA na categoria de Barroco Vocal. Em 2020 lançou um álbum duplo com seis sonatas inéditas de C. H. Graun para flauta e cravo obrigado, pela editora inglesa Veterum Musica. Do seu trabalho destacam-se:

Vésperas de Nossa Senhora de 1610 de Monteverdi; *Idylle sur la paix* de Racine/Lully; *Le Bourgeois Gentilhomme* de Molière/Lully; *Les Arts Florissants* de Charpentier; *Cain ovvero il primo omicidio* de Scarlatti; *Timão de Atenas* de Shakespeare/Purcell, em colaboração com o Teatro Praga.

Espectáculos recentes incluem: uma antologia de música portuguesa desde as *Cantigas de Amigo* até Lopes-Graça no festival Felicja Blumenthal em Telavive (Israel); a integral da *Oferenda Musical* de Bach no Festival de Marvão; as *Leçons de Ténèbres* de De Lalande no Festival Arte Sacro de Bilbao; e uma digressão de cinco concertos em Espanha com música francesa de influência espanhola (Lully, Charpentier, Couperin e Campra) incluindo a Quincena Musical de San Sebastián e o Festival de Santander.

Desde 2021 realiza-se em Aveiro a Academia Ludovice, um inovador festival e curso de verão dedicado às práticas históricas interpretativas da música, dança e teatro barrocos.

IL GIARDINO ARMONICO COM GIOVANNI SOLLIIMA



22 MARÇO

20 HORAS

GRANDE
AUDITÓRIO

ccb.pt

M/6



belém
soundcheck

© ALMA MEXICAL LIMITE

JÁ A SEGUIR
14 ABRIL 2024

Os Carnavais de Schumann Jorge Moyano

Neste programa percorrem-se os três Carnavais escritos ao longo da década 1830-40, na qual toda a sua produção é consagrada ao piano.

Dos Papillons op. 2 – 1830 – que ilustram musicalmente um baile de máscaras extraído de uma obra literária, ao *Carnaval de Viena* – 1839 – concebido após uma estadia pouco feliz na capital austríaca. Pelo meio, o *Carnaval* op. 9 – 1835 – galeria de retratos em que Chopin ou Paganini contracenam com Pierrot e Arlequim, sem esquecer as duas personalidades do próprio Schumann, Florestan e Eusebius.

Concerto comentado por **Jorge Moyano**.

Domingo, 11h00
Centro de Congressos e Reuniões
M/6

APÓIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2023/2024



APÓIO MEDIA



COFINANCIADO POR

